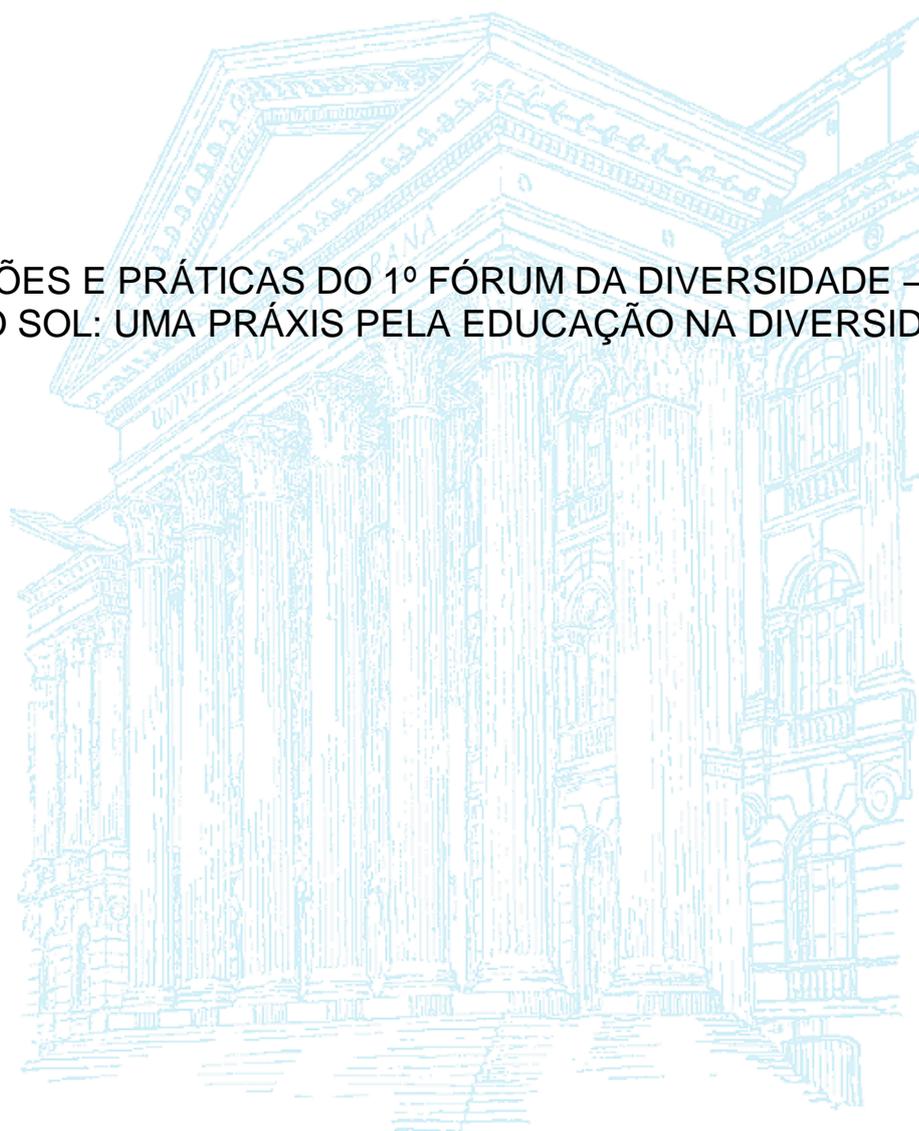


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

REFLEXÕES E PRÁTICAS DO 1º FÓRUM DA DIVERSIDADE – CEU
VILA DO SOL: UMA PRÁXIS PELA EDUCAÇÃO NA DIVERSIDADE



CURITIBA
2016

RODRIGO SANTOS RAMOS

**REFLEXÕES E PRÁTICAS DO 1º FÓRUM DA DIVERSIDADE – CEU
VILA DO SOL: UMA PRÁXIS PELA EDUCAÇÃO NA DIVERSIDADE**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós- Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Christopher Smith Bignardi Neves

CURITIBA
2016

REFLEXÕES E PRÁTICAS DO 1º FÓRUM DA DIVERSIDADE – CEU VILA DO SOL: UMA PRÁXIS PELA EDUCAÇÃO NA DIVERSIDADE

Rodrigo Santos Ramos¹; Christopher Smith Bignardi Neves²

¹Coordenador de Ação Cultural do Centro Educacional Unificado Vila do Sol e Professor de Educação Básica II – Língua Portuguesa no Governo do Estado de São Paulo;
E-mail: rodrigo@ceuviladosol.com

²Graduado em Pedagogia, especialista em Gestão Escolar, Coordenação Pedagógica e em Questão Social. É coordenador pedagógico na Prefeitura Municipal de Paranaguá e professor tutor na UFPR.
E-mail: smithbig@hotmail.com

Resumo: Este estudo reuniu informações baseadas na realização do 1º Fórum da Diversidade do Centro Educacional Unificado Vila do Sol realizado em outubro de 2015 na extrema periferia da zona sul de São Paulo. A partir do processo de organização e articulação do evento foram investigadas as motivações (ou a falta delas) ao se trabalhar questões ligadas a gênero e diversidade sexual na escola por parte de docentes e equipes gestoras de três escolas da rede estadual de São Paulo. O presente artigo buscou identificar de que maneira que a sexualidade é discutida na educação formal tendo como base os Parâmetros Curriculares Nacionais para Temas Transversais – Orientação Sexual, sua eficácia e funcionalidade no combate a homofobia, transfobia, lesbofobia e violência de gênero, buscando identificar como a realização de um fórum pode reverberar no empoderamento de vítimas de práticas discriminatórias, conscientizando todos envolvidos em tais situações no âmbito escolar, contribuindo assim para uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: fórum, diversidade, homofobia, misoginia

Abstract: This study gathers information based on the realization of the 1st Educational Center of Diversity Forum Unified Vila do Sol held in October 2015 in the extreme outskirts of the southern area of São Paulo. From the process of organization and coordination of the event motivations were investigated (or lack thereof) when working issues related to gender and sexual diversity in school by teachers and management teams of three schools of the state of São Paulo. This paper aims to identify how that sexuality is discussed in formal education based on the National Curriculum Parameters for Transversal themes - Sexual Orientation, its effectiveness and functionality in fighting homophobia, transphobia, lesbophobia and gender violence in order to identify how the holding of a forum can reverberate in empowering victims of discriminatory practices, educating everyone involved in such situations in schools, thus contributing to a more just and egalitarian society

Keywords : Forum , diversity, homophobia, misogyny

INTRODUÇÃO

O debate acerca da diversidade sexual no âmbito escolar visa, prioritariamente contribuir para um processo educativo horizontal, pautado na alteridade e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, desconstruindo assim os processos de hierarquização social calcados nos aspectos relacionados ao gênero. Este artigo objetiva discutir a importância da sensibilização da equipe gestora e docentes das unidades escolares sobre diversidade na escola, tendo este debate como uma potente ferramenta no combate à violência de gênero de toda a espécie.

O presente estudo parte da observação do pesquisador como curador e organizador do *1º Fórum da Diversidade – CEU Vila do Sol*, realizado no dia 20 de outubro de 2015 no Centro Educacional Unificado Vila do Sol, localizado na extrema periferia da cidade de São Paulo. Participaram do evento alunos das séries do ensino médio de duas escolas estaduais do entorno do CEU. O evento proporcionou uma importante reflexão sobre questões relacionadas a identidade de gênero, orientação sexual, feminismo e demais aspectos urgentes de discussão no espaço escolar.

O termo preconceito consiste basicamente no *“conceito ou opinião formados antes de ter os conhecimentos adequados”*¹. Explicitaremos neste estudo as implicações do preconceito no contexto escolar, como vemos em Crochik:

Há diversas complicações inerentes ao conceito de preconceito. Uma delas se refere a que o indivíduo preconceituoso tende a desenvolver preconceitos em relação a diversos objetos – ao judeu, ao negro, ao homossexual etc. – o que já indica uma forma de atuação de certa maneira independente dos objetos alvo de preconceito que são distintos entre si. Isto mostra que o preconceito diz mais a respeito às necessidades do preconceituoso do que às características de seus objetos, pois cada um deles é imaginariamente dotado de aspectos distintos daquilo que eles são. (Crochik, 2006, p. 14)

Este artigo objetiva propor uma reflexão sobre a recorrência de situações de violência de gênero no espaço escolar, bem como a importância de sua problematização por parte de docentes e gestores escolares, refletindo assim sobre

¹ <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=preconceito>
Acesso em 20/01/2016.

o papel da escola como espaço que naturaliza situações de violência calcadas na hierarquização de gênero e na heteronormatividade.

Segundo o Professor Marcos Claudio Signorelli:

Os estudos de gênero problematizam o fato de vivermos em uma sociedade heterossexual normativa e assimétrica, composta por “homens” e “mulheres”, que figuram de forma distinta e, sobretudo desigual, na sociedade. Como exemplos revelados por estes estudos, destacam-se atitudes que tipicamente se esperariam das mulheres na sociedade: maternidade, passividade, dependência e submissão ao homem. (SIGNORELLI, 2014, p.54)

Os movimentos de escolarização da sexualidade surgem em discussões já na década de 20 com um viés higienista e que não contemplava outro aspecto senão o reprodutor da prática sexual na época, este discurso volta à tona nos primeiros anos da década de 60, antes da ditadura militar, período curto, porém de franca renovação pedagógica, espírito esse brutalmente reprimido com o início da ditadura militar, congelando o debate sobre sexualidade na escola. (CESAR, 2009).

Também encontramos em VIANNA e UNBEHAUM (2004) um breve panorama sobre as políticas públicas e programas que discutem as relações de gênero na educação do Brasil:

A intersecção das relações de gênero e educação ganhou maior visibilidade nas pesquisas educacionais somente em meados dos anos de 1990, com grandes avanços na sistematização de reivindicações que visam à superação, no âmbito do Estado e das políticas públicas, de uma série de medidas contra a discriminação da mulher. Tais medidas se revelam, porém, plenas de contradições entre a defesa da ampliação dos direitos e a ótica da restrição do papel do Estado nas políticas públicas sociais, entre elas a educação. (VIANNA, UNBEHAUM. 2004, p.78)

Encontramos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) o embasamento teórico institucional para nortear a prática pedagógica em toda a educação básica brasileira. Desenvolvidos em 1998 pelo Ministério da Educação, os documentos são separados por componente curricular e ciclos, neste artigo nos atentaremos ao caderno destinado a Temas Transversais, especificamente o fascículo destinado a Orientação Sexual.

Discutir a diversidade de formas de se viver a experiência da sexualidade na escola parte da necessidade de não legitimar a escola como um espaço que seja uma maquinaria de exclusão como aponta Maria Rita Assis Cesar:

[...] grande parte das escolas brasileiras permanecem dentro da ordem disciplinar e normativa produzindo fazendo parte da grande máquina normativa de exclusão de gays, lésbicas, travestis, transexuais e transgêneros. (CESAR, 2009).

Institucionalmente, a prática pedagógica ao discutir gênero e diversidade sexual na escola está amparada nos Parâmetro Curricular Nacional (PCN) para Temas Transversais, especificamente no fascículo dedicado à orientação sexual, o documento apresenta-se da seguinte forma, segundo seus objetivos:

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro. (BRASIL, 1988)

Vale ressaltar que a redação do documento não contempla explicitamente a discussão sobre combate à homofobia e discriminação contra a população LGBT na escola, o que abre precedente para que profissionais da educação, sejam esses docentes ou gestores escolares se eximam do debate e da problematização de tais questões, priorizando informações relacionadas à gravidez na adolescência e DSTs, debates que também são de extrema importância no escolar, mas que devem ser discutidos levando em consideração a prática sexual de forma plural.

A escola configura-se como um espaço vivo de reprodução de ideologias, conceitos e modos de vida, infelizmente é também um espaço reprodutor de preconceitos, discriminação e violência na mesma proporção.

A partir da discussão sobre sexualidade pautada na desconstrução da naturalização das relações de segregação que envolvem o binário macho/fêmea, homem/mulher, masculino/feminino, Guacira Lopes Louro afirma:

[...] ao se eleger a desconstrução como procedimento metodológico, está se indicando um modo de questionar ou de analisar e está se apostando que esse modo de análise pode ser útil para desestabilizar binarismos lingüísticos e conceituais (ainda que se trate de binarismos tão seguros como

homem/mulher, masculinidade/feminilidade). A desconstrução das oposições binárias tornaria manifesta a interdependência e a fragmentação de cada um dos pólos. Trabalhando para mostrar que cada pólo contém o outro, de forma desviada ou negada, a desconstrução indica que cada pólo carrega vestígios do outro e depende desse outro para adquirir sentido. A operação sugere também o quanto cada pólo é, em si mesmo, fragmentado e plural. (LOURO, 2001, p. 548)

Neste sentido, este artigo apontará para a necessidade da problematização das recorrências de homofobia afim de conscientizar alunos, professores e toda a comunidade escolar em geral sobre a desnaturalização da violência de gênero no espaço escolar.

À luz do PCN de Temas Transversais, especificamente o fascículo voltado para a orientação sexual como instrumental institucional disponível para nortear a prática pedagógica na educação brasileira, temos na realização do 1º Fórum da Diversidade do CEU Vila do Sol e nos percalços encontrados para a sua realização uma ação educativa que problematizou a reflexão sobre o arejamento do currículo, como proposto por Guacira Louro no livro “Um Corpo Estranho”:

Se tomarmos o currículo como um texto “generificado” e sexualizado (o que ele também é), os limites parecem se inscrever nos contornos da premissa sexo-gênero-sexualidade. A premissa que afirma que determinado sexo indica determinado gênero e este gênero, por sua vez indica ou induz o desejo. Nesta lógica, supõe-se que o sexo é “natural” e se entende o natural como “dado”. O sexo existiria antes da inteligibilidade, ou seja, seria pré-discursivo, anterior à cultura. (LOURO, 2004, p.66)

Abarcar elementos relacionados a sexualidade no ambiente escolar consiste em uma discussão antiga, ainda nas primeiras décadas

Neste sentido entende-se que a sexualidade se configura um aspecto fundamental no desenvolvimento do sujeito e que tal temática precisa ser abarcada desde a formação docente para assim atingir todos os níveis da educação básica. Ao trabalhar questões relacionadas a sexualidade na formação de docentes de todos os componentes curriculares a tratativa de tais questões em a sala de aula passa a ser mais embasada.

Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que meu papel fundamental

é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador. [...] O meu papel, ao contrário, é de quem testemunha o direito de comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular a assunção deste direito por parte dos educandos. (FREIRE, 2011, p. 68-69)

Portanto, esta pesquisa objetiva trabalhar não só o impacto de ações como o 1º Fórum da Diversidade no CEU Vila do Sol para os educandos, mas também de que forma que as questões discutidas neste fatídico dia reverberam na prática docente dos professores que estavam presentes no evento, propondo assim a ideia de que difundir e praticar ações voltadas para o combate à violência de gênero é possível dentro do espaço escolar, espaço este responsável não só pela oferta de conhecimentos curriculares mas também de saberes necessários à prática de cidadania fora da escola.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado de maneira qualitativa a partir da observação do processo de realização do 1º Fórum da Diversidade do CEU Vila do Sol. O evento foi realizado através da Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo em parceria com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, esta última repassou um aporte financeiro de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) para subsidiar ajuda de custo dos palestrantes, alimentação dos participantes, registro da atividade e compra de material de divulgação do evento. O objetivo do evento era promover a reflexão sobre questões relacionadas à violência de gênero, homofobia, transfobia, lesbofobia e demais situações de discriminação baseadas na ideia de hierarquização de gênero. Foram convidados quatro profissionais que em suas práticas discutem temáticas relacionadas à diversidade sexual sendo essas: Professora Elenita de Santana, atua na área diretoria regional de educação de Campo Limpo na frente de gênero e diversidade sexual; Prof. Bruno Cesar Tomaz Lopez, mestrando em gênero e diversidade sexual pela Universidade Estadual de São Paulo – UNESP, ator e idealizador do Projeto Periferia Trans, Prof. Roberto Otaviano de Carvalho, diretor teatral, líder comunitário, arte educador em projetos

voltados à juventude, Prof. Camilla Ribeiro de Lima, professora de língua portuguesa na rede estadual de educação, líder da frente feminista da União Brasileira de Estudantes – UBES, militante do movimento feminista no Partido Comunista do Brasil (PC do B).

O Público alvo: alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio de duas escolas da rede estadual de educação de São Paulo sob jurisdição da diretoria de ensino Sul-2. As escolas foram convidadas pelo núcleo de ação cultural do Centro Educacional Unificado Vila do Sol, localizado no extremo sul da periferia de São Paulo.

O cronograma do evento previu a realização em 2 (duas) horas de duração, onde cada profissional convidado teve 15' de explanação, seguido de intervenções dos alunos previamente inscritos pelo mediador do evento, precedidos de apresentação cultural do espetáculo “Speculum” e improvisação teatral de alunos do curso de teatro de uma das escolas convidadas, Análise qualitativa da realização do evento com base nas observações do mediador/ pesquisador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho visa relatar a discussão realizada no *1º Fórum da Diversidade do CEU Vila do Sol* realizado no dia 20 de outubro de 2015 às 20h no teatro do Centro Educacional Unificado Vila do Sol (doravante denominado CEU), localizado no bairro Jardim Ângela extremo sul da cidade de São Paulo. O evento agrupou alunos das três séries do ensino médio de duas escolas estaduais do entorno da região e contou com apoio da Secretaria Municipal de Direitos Humanos da prefeitura de São Paulo.

A divulgação do evento foi realizada através de cartazes elaborados pelos coordenadores do núcleo de cultura que foram fixados nas dependências do CEU, comércios da região, escolas estaduais e municipais do entorno que não participaram do evento entre outros espaços. O material de divulgação também foi amplamente divulgado nas redes sociais institucionais do CEU Vila do Sol e nos canais de comunicação da Diretoria Regional de Educação (DRE) Campo Limpo.

O evento começa a abertura do coordenador de ação cultural e a gestora do CEU Vila do Sol, agradecendo a presença de todos e ressaltando a importância da

discussão desta temática em espaços como os Centros Educacionais Unificados, espaços que em sua essência devem propiciar e garantir a discussão de temas sociais urgentes nas periferias da cidade de São Paulo.

A ideia de se realizar um evento em que a temática de gênero e diversidade foi discutida partiu da discussão entre os quatro coordenadores de cultura do CEU que a partir da observação de situações explícitas de violência contra a população LGBT, diversas ocorrências de homofobia (explícitas ou não) por parte dos docentes e demais funcionários da unidade contra os alunos e usuários do espaço. A recorrência de tais eventos denuncia que a discussão sobre homofobia, transfobia e lesbofobia é algo urgente, pois somente a sensibilização de alunos, professores e demais funcionários acerca da importância do combate a homofobia pode contribuir para a construção de um processo educativo igualitário, levando em consideração o respeito às diferenças no espaço escolar. Como vemos abaixo:

Desprezar o sujeito homossexual era (e ainda é), em nossa sociedade, algo “comum”, “compreensível”, “corriqueiro”. Daí porque vale a pena colocar essa questão em primeiro plano. Parece-me absolutamente relevante refletir sobre as formas de viver a sexualidade, sobre as muitas formas de ser e de experimentar prazeres e desejo. [...] (LOURO, 2004, p. 57)

A discussão sobre gênero e diversidade sexual no espaço escolar implica na desconstrução de preconceitos estabelecidos pela sociedade. A formação do profissional de educação deve ficar apenas na aprendizagem de conteúdos relacionados à sua formação específica?

Ao ter como base os Parâmetros Curriculares Nacionais para Orientação Sexual, por exemplo, será possível identificar uma defasagem na discussão sobre diversidade sexual na escola, visto que o presente documento discute de maneira parca e limitada os aspectos diversos relacionados à orientação sexual, considerando apenas os aspectos biológicos que envolvem a sexualidade, não levando em conta a dimensão social, política, cultural e afetiva que envolvem o exercício da sexualidade no espaço escolar.

A discussão sobre orientação sexual na educação básica deve transcender o aspecto meramente biológico e reprodutor visível em documentos institucionais, como o Parâmetro Curricular Nacional de Orientação Sexual (PCN), publicado na década de 90. O diálogo sobre sexualidade no espaço escolar deve ocorrer de maneira natural, abordando aspectos não só biológicos e reprodutores que

envolvem o ato sexual, mas também contemplando as dimensões sociais, políticas, culturais e afetivas que envolvem a sexualidade em sua pluralidade, hoje mais evidentes do que nunca.

A definição de violência de gênero utilizada neste artigo será a mesma abordada por Marcos Claudio Signoreli (2014) proposta por Suarez e Bandeira (1999) que entende a violência de gênero como

[...]Acontecimentos de violência abrigados nos diferentes relacionamentos de gênero, que são relacionamentos que podem pôr em interação conflituosa não apenas homem e mulher, mas também mulher e mulher ou homem e homem. (SIGNORELI, 2014, p.50).

Ainda neste sentido, o autor ressalta que a violência gênero compreende também um processo violento de afirmação de suas identidades, sejam elas masculinas ou femininas, uma em detrimento da outra.

Neste sentido, entende-se que a escola não deve ser eximida do debate sobre sexualidade, visto que entre suas principais premissas está a de formar sujeitos aptos a exercer sua cidadania de maneira plena. Sobre a importância de discutir sexualidade no espaço escolar, Maria Rita Assis César (2014) afirma:

Assim, é de fundamental importância que possamos reconhecer que a história da sexualidade tem origens e desdobramentos com os quais não desejamos mais qualquer familiaridade. Entretanto, entendemos que paradoxalmente, a educação sexual é importante no contexto escolar, pois este pode ser o lugar justamente para entendermos a história dos nossos mecanismos de exclusão. Assim, a educação sexual nas escolas seria, antes de mais nada, um ato político. (CESAR, 2014, p.54)

É possível observar que no contexto escolar a violência de gênero é recorrente. Principalmente em situações que reproduzem claramente a naturalização da heteronormatividade na escola, podemos citar exemplo claro destas situações, como a separação na fila de meninos e meninas, por exemplo.

Foi possível observar a partir da realização do 1º Fórum da Diversidade do CEU Vila do Sol, que enquanto o preconceito racial e a discriminação contra deficientes físicos, por exemplo, imprimem no docente um posicionamento ético, ou seja, o docente precisa se manifestar contra o racismo para que não sofra represálias ou seja discriminado dentre os atores da equipe escolar e a sociedade em geral, já em situações ligadas à violência de gênero geralmente a única resposta

obtida é o silêncio. E este silêncio pode gerar marcas indeléveis na vida escolar dos alunos que sofrem tal violência, daí a importância de se discutir tais temáticas dentro do espaço escolar, visando a não perpetuação de práticas discriminatórias, contribuindo assim para a formação de uma sociedade em que todos possam exercer sua sexualidade de maneira plena e consciente. Sobre o preconceito:

Se o preconceito não é inato, a criança pode, de fato perceber que o outro é diferente dela sem que isso impeça o seu relacionamento com ele. Esta percepção, contudo, é dificultada, pois é sob a forma de ameaça que o preconceito é introjetado. Incorporamos as representações dos objetos aos quais devemos reagir preconceituosamente, por meio de nossas relações com as pessoas das quais dependemos por medo do que aconteceria, caso assim não o fizéssemos. (CROCHIK, 2006, p. 18)

Com base na necessidade de discussão sobre o combate a homofobia, violência de gênero e qualquer ação que viole a integridade do sujeito com base em sua identidade de gênero, o núcleo de cultura do CEU Vila do Sol, composto por quatro coordenadores parte em busca de apoio de órgãos institucionais que em sua formação tem por objetivo promover a qualidade de vida e a defesa dos direitos humanos. Ao procurar a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (doravante SMDH), o grupo de coordenadores consegue um aporte financeiro para a realização de uma atividade de apenas um dia, que contemplasse a temática proposta pelo núcleo, pois a Prefeitura de São Paulo não dispunha de maiores recursos para realização de eventos extensos.

Em reunião com o núcleo de ação cultural fica decidido o formato do fórum que contou com a participação de quatro profissionais que dialogam em suas práticas com as temáticas propostas pelo evento. A escolha dos profissionais levou em consideração sua atuação com a temática LGBT principalmente em regiões periféricas da cidade².

Definida a composição da mesa de debate, passamos a definição do público alvo da atividade. Foi unânime durante a reunião de planejamento do núcleo de cultura que as ocorrências que envolviam homofobia, transfobia ou violência de gênero envolviam majoritariamente entre jovens do ensino médio das escolas estaduais do entorno do CEU. Após entrarmos em contato com os diretores de três

² O perfil dos participantes estão discriminados na seção metodologia.

escolas da região acordamos a participação dos alunos do ensino médio do período noturno das três escolas.

Também foram definidas apresentações culturais que precediam e sucediam os debates. A primeira atração foi a apresentação do trecho do espetáculo “Specullum”, monólogo do pesquisador, o debate foi sucedido pela performance do grupo de teatro dos alunos de uma das escolas estaduais convidadas. A performance da segunda apresentação consistiu em uma improvisação baseada nas discussões realizadas durante o evento. A cena escolhida foi baseada no conto “Coração” do autor Marcelino Freire, grande referência na produção literária com temática LGBT na atualidade.

[..] No lugar do coração, bicha devia ter uma bomba. A minha vontade era ter uma granada, para estourar no trem. Para fazer uma desgraça, juro. Só assim, Deus vai olhar para mim. Vai me trazer de volta aquele anjo. Sim, porque era um anjo. Não me roubou. Não me bateu. Sabe o que ele me falou? Que queria ser corredor de Fórmula-1. Vai ver foi isso. (FREIRE, 2005, p. 56)

Vale ressaltar um episódio que evidencia a clara necessidade de se trabalhar questões de gênero no espaço escolar de maneira contundente e horizontal. Em uma das três escolas convidadas para participar do evento a conversa foi feita diretamente com a coordenadora pedagógica, que aceitou que o transporte cedido pela SMDH para transportar os jovens da escola até o CEU. Exaltou a coragem e parabenizou a organização do evento pela iniciativa de se discutir questões tão necessárias em espaços públicos. O contato com a referida escola foi feito com um mês de antecedência. Às vésperas do evento um dos coordenadores entrou em contato com a escola para verificar os últimos detalhes e obteve a informação de que a direção da escola não autorizou a saída dos alunos para a participação do evento sob a alegação de que *“discutir gênero não era responsabilidade da escola”*.

Dada a negativa da escola convidada já na véspera da realização do evento tivemos dois terços da quantidade de público prevista. Nas outras escolas não houve problemas dessa natureza.

Tal episódio evidencia não apenas a urgência de se discutir sexualidade no espaço escolar sob outros pontos de vista como também a dificuldade de equipes

gestoras e corpos docentes de (infelizmente) grande maioria das escolas públicas³ do Brasil. Como vemos texto discorrido por Guacira Lopes Louro:

Não há lugar no currículo, para a ideia de multiplicidade (de sexualidade ou de gênero) – essa é uma ideia insuportável. E o é, entre outras razões, porque aquele/a que a admite pode ser tomado como particularmente implicado na multiplicidade. Conseqüentemente, há quem assuma, com certo orgulho, ignorar formas não-hegemônicas de sexualidade. Ao declarar sua ignorância, ele/ela pretende afirmar, implicitamente, que “não tem nada a ver com isso”, ou seja, que não se reconhece envolvido/a nessa questão de forma alguma. (LOURO, 2004, p. 68)

Portanto, entendendo que o ato de ensinar consiste também num ato de cidadania, com base nos argumentos apontados é possível observar a importância que o debate sobre diversidade sexual exerce na escola no sentido de fazer com que o processo de ensino e aprendizagem abarque não seja meramente depositário, mas que o caminho que o indivíduo percorre na escola também contemple sua formação como cidadão capaz de respeitar, entender e conviver com as heterogeneidade da sexualidade humana, das questões raciais, de educação inclusiva e de toda a espécie.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já se disse que sem a sexualidade não haveria curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender. Tudo isso pode levar a apostar que uma teoria e política voltadas, inicialmente, para a multiplicidade da sexualidade, dos gêneros e dos corpos possam contribuir para transformar a educação num processo mais prazeroso, mais efetivo e mais intenso. (LOURO, 1999, p. 72)

Em um país que caminha historicamente atrás da maioria do mundo em relação à discussão sobre políticas públicas que garantam a educação de qualidade para seus habitantes, falar sobre sexo não é a mais tranquilas das funções da escola. Falar sobre sexo na escola requer um exercício constante de desconstrução, alteridade e, principalmente: *escuta*. Sobre este último refiro-me algo mais profundo que *ouvir*. Consiste em, como educador, perceber as marcas indelévels que podem

³ Este estudo delimita como território apenas a educação pública, pois ao expandirmos para a educação privada, encontraremos outras influências como a religiosa, por exemplo.

ser causadas em alunos vítimas de homofobia, transfobia e violência de gênero e a partir disso construir uma relação que transcenda a simples transmissão de conhecimentos previstos nos componentes curriculares.

A presença de um educando que apresenta comportamentos díspares da lógica heteronormativa dominante desestrutura o docente que porventura não esteja preparado para lidar com a multiplicidade da sexualidade humana, como cita SIERRA e SIGNORELLI:

“É principalmente por se colocar na fronteira entre o masculino e o feminino, ameaçando, portanto, a distinção do que caracteriza um homem ou uma mulher, implodindo as certezas do que cabe a um e a outro que a presença do homossexual/bissexual desestabiliza nossa vida [...] (SIERRA, SIGNORELLI; 2014, p. 187)

O 1º Fórum da Diversidade do CEU Vila do Sol foi o disparador de uma discussão há muito tempo urgente na região do Jardim Ângela, M'Boi Mirim e adjacências, porém que poucos gestores escolares e lideranças comunitárias tiveram vontade política e acima de tudo disposição de trazer à luz questões ligadas à sexualidade, imprescindíveis para a construção de uma sociedade mais justa e com equidade de direitos. Desta ação fica o desejo e a intenção de que esta seja uma ação perene não só no CEU Vila do Sol, mas em todos os equipamentos educacionais do país, afim de que não se perpetuem ou se reproduzam práticas discriminatórias nos espaços educacionais.

Trazer aos jovens, adultos e alunos do ensino médio presentes no evento a oportunidade de discutir temas como, homofobia, identidade e violência de gênero bem como tantas outras questões relacionadas a sexualidade de uma maneira horizontal e natural foi o pontapé inicial para que os elementos abordados no fórum sejam disseminados para os alunos que não estiveram no evento, despertando nas escolas presentes no evento a consciência da importância de tal debate.

Ações como a realização do fórum visam evitar que o espaço escolar se torne uma máquina de fazer homofóbicos, machistas e intolerantes. Cada crítica recebida ao propor a realização do evento e cada franca tentativa de boicote foram convertidas pelo núcleo de ação cultural do CEU Vila do Sol em energia para que todos envolvidos no evento pudessem multiplicar esta discussão em seus espaços de atuação.

Debater a sexualidade como aspecto que compõe o ser humano em sua plenitude, desprovida de tabus e preconceitos evita que a escola se configure como um celeiro de vítimas de um silêncio imposto há muito tempo pela gestão escolar e equipe docente.

Por fim, ratifico nesta seção o que já foi descrito acima: enquanto, por exemplo, a discriminação racial e o preconceito contra a pessoa com deficiência imprimem no docente e na gestão da escola um posicionamento ético, enquanto situações de homofobia e violência de gênero tem apenas o silêncio como resposta. A escola que não discute estas questões produz vítimas deste silêncio.

Eu fui vítima deste silêncio.

AGRADECIMENTOS

Ao Astral, por permitir que eu possa me ser um professor diferente da maioria dos que os que eu tive em minha vida escolar.

À grande amiga Ms. Mariana Custódio Farcetta pelos conselhos e clarear de caminhos que só grandes amigos conseguem dar.

À minha mãe, Elivanda e minhas irmãs.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Lugar de sexo é na escola? Sexo, sexualidade e educação sexual. Sexualidade. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED, p. 49-59, 2009.

_____, Maria Rita de Assis; BEATIE, Thomas; TEENA, Brendan; OSBOURN, Bree. QUATRO INTERVENÇÕES PARA UMA PEDAGOGIA QUEER. Gênero, Sexualidade e Educação.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998

CROCHIK, José Leon. Preconceito, indivíduo e cultura. Casa do Psicólogo, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. Revista Estudos Feministas, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

_____, Guacira Lopes; ESTRANHO, Um Corpo; SOBRE, Ensaios. Sexualidade e Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

FREIRE, Marcelino. Contos negreiros. Editora Record, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, p. 165, 1996.

VIANNA, Claudia Pereira; UNBEHAUM, Sandra. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, p. 77-104, 2004.

SIERRA, Jamil C.; SIGNORELLI, Marcos C.; Diversidade e Educação: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia. 1ª Ed. Matinhos. UFPR Litoral, 2014.